

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO MOMENTO ATUAL E DO FUTURO

Ivo Tonet

Tendo em vista que o capital, por sua própria natureza, que resulta da exploração do trabalho, produz necessariamente desigualdade social e, por isso, é irreformável, não há a menor possibilidade de resolver os gravíssimos problemas da humanidade no interior desse sistema social. Não só não é possível, se não que a tendência é agravá-los cada vez mais. Não só a natureza do capital, mas também os fatos mostram isso com meridiana clareza.

É, pois, um enorme equívoco supor que a solução dos gravíssimos problemas que a humanidade enfrenta, hoje, possa ser alcançada sem a completa erradicação do capital. Força nenhuma pode obrigar o capital a produzir para atender as necessidades humanas e não para sua própria reprodução. Reprodução essa que implica a crescente concentração da riqueza em poucas mãos e o agravamento dos mais variados problemas sociais.

Infelizmente, a esquerda vem, há décadas, acreditando que a participação no jogo democrático é o caminho mais adequado para a construção de um mundo melhor. Daí o seu empenho na defesa e ampliação da democracia e da cidadania. Daí, também, o falso dilema estabelecido entre ditadura e democracia, como se esta fosse o caminho para resolver, lenta e gradualmente, os problemas da humanidade. A subordinação ontológica do Estado, do qual a democracia faz parte, ao capital torna esse objetivo absolutamente inalcançável. Esqueceu, a esquerda, que ditadura e democracia são apenas formas políticas das quais o capital lança mão em momentos diferentes, para manter a sua dominação.

No caso do Brasil, essa situação tem um agravante de enorme peso. Trata-se do fato de que aqui nunca foi efetivada uma revolução burguesa plena, que implicaria também a democracia burguesa amplamente desenvolvida. A formação colonial, dependente e subordinada do Brasil ao capital estrangeiro (Portugal, Inglaterra, Estados Unidos) impediu a efetivação da revolução burguesa em sua plenitude. E hoje, mais do que nunca, a burguesia brasileira não tem nenhum interesse, muito pelo contrário, em superar essa dependência e subordinação. Por isso mesmo, é um falso dilema opor, também em nível nacional, ditadura e democracia, como se esta fosse o caminho, lento e gradual, para resolver os graves problemas nacionais. A democracia brasileira, dada a formação do Brasil acima mencionada, já nasceu congênita e incorrigivelmente defeituosa, precária e atrofiada. Jamais poderá vir a ser uma democracia burguesa “adulta”. Desse modo, defender a democracia brasileira

como se ela fosse uma plantinha frágil, que devesse ser cultivada com carinho e muitos cuidados para que pudesse se tornar uma árvore adulta e frondosa é um equívoco monumental e de trágicas consequências. Um caminho absolutamente inviável. Infelizmente, é o que se está vendo, ainda nesse momento, predominar entre a dita esquerda. A esquerda, ou acredita no aperfeiçoamento indefinido desse sistema social (reformismo) ou, então, acredita que, tendo à frente um Estado mais preocupado com os problemas sociais ou dirigido pelos trabalhadores, poderá ser pavimentado o caminho para o socialismo (politicismo).

O verdadeiro dilema, hoje, não é entre democracia e ditadura, mas entre democracia/ditadura e emancipação humana. Mais precisamente, entre Capital e Trabalho; entre capitalismo e comunismo. Para aqueles que se mostrarem descrentes ou céticos diante dessa afirmação, vale lembrar que se a construção de uma sociedade comunista é difícil, a humanização do capitalismo é absolutamente impossível. Vale, também, observar, que comunismo não tem nada a ver com o que se realizou na Rússia, na China, em Cuba, na Coreia do Norte ou no Vietnã. Comunismo só pode ser construído com base na abundância, isto é, na capacidade de produzir riqueza para atender as necessidades de todos e fundado em uma forma de trabalho – associado – radicalmente diferente da sua forma atual – assalariado. E, dada a universalização da humanidade produzida pelo capitalismo, o comunismo só pode ter um caráter universal, jamais em um só país.

Os próprios fatos históricos, tanto a nível internacional quanto a nível nacional, evidenciam que a busca pela progressiva melhoria da sociedade sem a erradicação do capital é um caminho inviável. Nos próprios países mais desenvolvidos, estamos assistindo, nos últimos anos, ao desmoronamento do chamado Estado de Bem-Estar Social e do sistema democrático e à ascensão da direita e da extrema direita. De modo diferente, também assistimos ao mesmo fenômeno na América Latina. Após um período de governos progressistas, estamos assistindo à ascensão de governos ultraneoliberais. Isto não é difícil de entender. Nenhum governo progressista conseguiu, até porque é impossível no âmbito puramente interno, resolver os graves problemas nacionais. Todavia, as promessas eram exatamente nesse sentido. Na falta de solução para os graves problemas sociais e desiludidas com o não cumprimento das promessas dos governos progressistas, amplas massas depositaram sua esperança nos novos salvadores da pátria. A ignorância, a desinformação e a descrença no sistema tradicional foram tão grandes que levaram à eleição de uma figura que não só fez parte, durante muitos anos, desse mesmo sistema mas que, além disso, está cercado de outras figuras que representam o que há de mais desqualificado na sociedade brasileira.

Diante dessa situação, não basta denunciar as políticas – econômicas, sociais, ideológicas – propostas por essa direita troglodita. Essa denúncia é justa e necessária, mas é inteiramente insuficiente. E, se tomada como foco prioritário, totalmente equivocada.

Do mesmo modo, opor a essa ditadura disfarçada a defesa da democracia é outro enorme equívoco, pelos motivos já vistos acima. Afinal, tudo está sendo efetivado dentro do jogo democrático.

Por incrível que pareça, o problema fundamental não está na direita, mas na esquerda. Exatamente porque, ao longo de anos a esquerda, abandonando a perspectiva revolucionária, aceitou jogar no campo determinado pela burguesia, o campo democrático. A direita faz o que é da natureza dela, isto é, utiliza todos os meios, legais e ilegais, pacíficos e violentos, ditatoriais e democráticos, para defender os seus interesses, que são sempre particulares. E, nesse campo, ela sempre vence, mesmo quando o poder do Estado é assumido por pessoas que se pretendem de esquerda. Ora, por esse caminho é impossível resolver os problemas das amplas massas. Por esse caminho, a esquerda nada mais pode fazer do que deixar cair migalhas para as classes subalternas. E, quando o cobertor fica curto, como é o caso da crise que se agravou a partir de 2008 a burguesia não tem nenhum pudor em puxá-lo para o seu lado, deixando milhões a descoberto. É preciso deixar bem claro: a burguesia não age movida pelo coração, mas, pela lógica – comandada pelo capital – de reprodução dos seus interesses particulares.

Uma esquerda autêntica, isto é, que tenha como norte a superação radical do capital, tem que ser propositiva, não apenas “denunciativa”. Não pode por o foco nas denúncias e na defesa da democracia. Seu objetivo maior não pode ser o de combater as medidas desse governo esperando chegar ao poder nas próximas eleições. O objetivo fundamental tem que ser o de resgatar a perspectiva revolucionária. De nada adianta argumentar no sentido de que a revolução não está na ordem do dia, de que a consciência de classe está em grau extremamente baixo e de que a correlação de forças está desfavorável aos trabalhadores. Isso tudo é verdade, mas são argumentos surrados e permanentemente brandidos. O fato é que os caminhos trilhados pela esquerda, privilegiando a via democrática, jamais contribuíram e jamais contribuirão para a revolução, para o aumento da consciência de classe e para uma correlação de forças mais favorável aos trabalhadores.

Sabemos que uma situação revolucionária não é produto prioritário das ideias. Ela é resultado prioritário do agravamento dos problemas sociais e das lutas concretas. Todavia, as ideias têm um papel importante no direcionamento dessas lutas. A possibilidade de que elas desemboquem em um processo verdadeiramente revolucionário depende, em grande parte, das ideias que as orientem. Até

o momento, temos visto que grandes manifestações e lutas têm sido derrotadas por terem como norte apenas a defesa de interesses parciais. Delas está ausente um direcionamento (e organizações) que aponte claramente para a única solução efetiva dos problemas sociais, isto é, para a erradicação do capitalismo e a construção de uma sociedade comunista. E também, como resultado de um longo e complexo processo histórico, está ausente o sujeito fundamental da revolução, a classe operária.

Disso decorrem, a meu ver, algumas tarefas fundamentais para a esquerda. Uma atividade de agitação e propaganda que aborde e explique, em **primeiro lugar**, a natureza do capitalismo. Deixando claro que a solução dos problemas sociais é impossível no marco desse sistema. Isso implica explicar a origem da propriedade privada, das classes sociais e das lutas de classes; de como se produzem a riqueza, a pobreza e a desigualdade social; o processo de exploração do trabalho pelo capital. Em **segundo lugar**, que explique a origem, a natureza e a função social do Estado, inclusive da sua forma democrático/cidadã. Em **terceiro lugar**, que fundamente a natureza, a possibilidade e a necessidade de construção de uma sociedade comunista. Isto implica enfatizar a categoria do trabalho como fundamento da realidade social e de todo o processo histórico. Como consequência, deixar claro o caráter radicalmente histórico e social da realidade social, isto é, que ela é o resultado integral e exclusivo da atividade humana e não de potências estranhas a ela. Implica também esclarecer qual o fundamento de uma sociedade comunista, ou seja, referir-se ao trabalho associado – sua natureza, sua relação com a abundância, com o tempo de trabalho necessário, com o tempo livre e com uma produção voltada para o atendimento das necessidades humanas e não para o lucro. Em **quarto lugar**, que explique o que é uma revolução, desfazendo equívocos e esclarecendo que ela é um processo complexo, mas que implica dois elementos fundamentais: a destruição do Estado burguês e a mudança na forma do trabalho, eliminando o trabalho assalariado e substituindo-o pelo trabalho associado. E enfatizando que o segundo é o elemento mais importante, aquele que define, verdadeiramente, a natureza da revolução. Em **quinto lugar**, que explique quem é o sujeito da revolução, enfatizando a centralidade política da classe operária, a necessidade de alianças com outros segmentos de classes e, mais ainda, que a libertação da classe trabalhadora só pode ser obra dela mesma e não de algum indivíduo, algum partido e muito menos do Estado. Em **sexto lugar**, que explique a formação do Brasil, sua dependência e subordinação ao capital internacional e as consequências perversas que resultam dessa situação. E, além disso, por que o Brasil, possuindo tantos recursos naturais, é um dos países mais socialmente desiguais do mundo. Desnecessário dizer que, para fazer essa propaganda e essa agitação, é preciso ter um conhecimento sólido e, além disso, utilizar uma linguagem acessível e sempre articulada com os problemas da vida concreta.

A propaganda e a agitação em torno dessas ideias são absolutamente fundamentais para que, em momentos de intensificação das lutas sociais, elas não se resumam à defesa ou conquista de interesses parciais, mas avancem para uma transformação radical da sociedade. As formas de fazer essa propaganda e essa agitação são as mais variadas: eventos, cursos, panfletos, livros, grupos de estudo. Etc.

Quais são as tendências a curto prazo? Em nível internacional, há fortes indícios de um agravamento muito intenso da crise do capital. Em nível nacional, e como consequência da íntima articulação e dependência da economia brasileira para com a economia internacional, a crise também se intensificará. Nada indica que as medidas propostas pelo novo governo possam reativar a economia. Pelo contrário, tudo indica que a desigualdade social, o desemprego, a retiradas de direitos e a intensificação da exploração dos trabalhadores se agravarão. Vale a pena lembrar que a questão central, para a burguesia, é a retomada da taxa de lucro. Até as lutas entre as várias frações da burguesia têm essa questão como seu epicentro, sendo que todas elas se unem quando se trata da luta entre capital e trabalho. Com isso, as lutas sociais também tenderão a se intensificar. Isso implicará no aumento da repressão e, provavelmente, no rápido desgaste desse governo. De todo modo, quaisquer que sejam os desdobramentos, as tarefas acima indicadas continuarão com plena validade. Sem catastrofismo, pode-se afirmar que, pelos caminhos que está trilhando, a humanidade se encaminha celeremente para o abismo. Sua única salvação está em uma mudança radical de rota, em direção ao comunismo.